



## REVISÃO DE LITERATURA: CORNO CUTÂNEO E SUA ASSOCIAÇÃO COM A FELV

Nicole Hellen Da Silva<sup>1\*</sup>, Leticia Almeida Santos Lins<sup>1</sup>, Mariana Lais Franco Balbino Dazio<sup>2</sup>, Kelly Venancio de Oliveira Muniz<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Graduanda em Medicina Veterinária – UNA – Pouso Alegre/MG – Brasil – \*Contato: nicolehellends@gmail.com

<sup>2</sup>Médica Veterinária na clínica dermatologia veterinária

<sup>3</sup>Professora de Medicina Veterinária – UNA – Pouso Alegre/MG – Brasil

### INTRODUÇÃO

O corno cutâneo é um crescimento córneo anormal na pele do animal, ele é composto de queratina, é avascular e indolor<sup>9</sup>. Apresentam variações de formato, com formas cônicas, cilíndricas, angulares, retas ou helicoidais. Seu tamanho pode variar de milímetros até 5 cm de comprimento, e a coloração pode ser amarela, marrom ou cinza<sup>8</sup>. Essa alteração é rara em cães e gatos, sendo caracterizados com relevos cutâneos hiperqueratóticos, similares a chifres de animais. O termo “corno cutâneo” é uma definição da estrutura e não um diagnóstico de doença e são normalmente associados a ceratoses actínicas, papilomas virais, carcinoma escamoso invasivo e a gatos infectados pelo vírus da FeLV<sup>3</sup>. Nessa perspectiva, a presente revisão buscou levantar trabalhos publicados na medicina veterinária, que apontem a morfologia do corno cutâneo e como o mesmo está associado ao vírus da FeLV.

### METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão de literatura baseada em artigos da plataforma *Veterinary Dermatology*, Pubmed e SciELO e também foi utilizado o livro "LARSSON, C. E.; LUCAS, R. Tratado de medicina externa – dermatologia veterinária”.

Palavras-chave utilizadas: cats, FELV e horn cutaneous.

### RESUMO DE TEMA

A expressão “corno cutâneo” é uma nomeação morfológica que descreve a retenção de material queratinizado de causa desconhecida<sup>5</sup>. Por mais que estes, em sua maior parte, são compostos por queratina morta, a sua base necessita de uma melhor atenção, pois, pode estar presente uma inflamação basal, mesmo que seja de incomum ocorrência. O seu desenvolvimento possui maior incidência nas regiões: cabeça, escroto, região mamária e membros, podendo haver ou não, lesões concomitantes na pele<sup>2</sup>. Os cornos cutâneos podem ser únicos ou múltiplos, e podem acontecer sem nenhuma propensão de sexo, idade ou raça. Não é comum eles serem vistos com mais de 1cm na rotina clínica médica de pequenos animais, uma vez que, possui um lento crescimento e quando atinge determinado tamanho é eliminado por exérese cirúrgica<sup>5</sup>. Esse crescimento pode estar associado a doenças cutâneas benignas, pré-malignas e malignas. Os cornos cutâneos são pouco frequentes em gatos, podendo se apresentar de forma isolada ou múltipla, e, quando presentes, geralmente estão associados à infecção pelo vírus da leucemia felina (FeLV) ou ao vírus do sarcoma felino<sup>2</sup>. Essa relação ocorre, pois, a FeLV pode induzir as dermatoses, e eliciar a manifestação de neoplasmas de pele (linfomas e sarcomas), portanto, sua ação de maior relevância no sistema tegumentar, está associado aos seus efeitos imunossupressores<sup>4</sup>. Porém, essa afecção também já foi relatada em gatos negativos para estas duas infecções virais<sup>1</sup>. À vista disso, a identificação da glicoproteína (gp) 70 do envelope do FeLV, em cortes histológicos dos cornos cutâneos, corados por técnicas de imuno-histoquímica, é a evidência inequívoca da ação direta do FeLV na formação desses cornos<sup>5</sup>. Ademais, os cornos cutâneos podem ocorrer em vários locais, mas, vale ressaltar que, nos gatos, estes apresentam localização regular nos coxins, podendo ocorrer em coxins palmares e plantares<sup>4</sup>. O diagnóstico é determinado através do aspecto, evolução da lesão e da biópsia para exame histopatológico, que deve abranger a base do corno onde tumores malignos ou benignos podem estar presentes<sup>6</sup>. Para o tratamento deve requerer a excisão local com 1cm de margem para evitar recorrência<sup>6</sup>. Uma técnica alternativa à remoção cirúrgica do corno cutâneo é a crioterapia, onde são feitas aplicações de nitrogênio com fins terapêuticos objetivando o congelamento dos tecidos, o que traz como consequência a inibição fisiológica ou morte celular a fim de remoção total do corno cutâneo<sup>6,7</sup>.



**Figura 1:** Corno cutâneo - excrecência córnea (“chifre”) em felino FIV positivo. LARSSON, C. E.; LUCAS, R. **Tratado de medicina externa – dermatologia veterinária**. São Caetano do Sul: Interbook, 2016.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante ao exposto, conclui-se que, o corno cutâneo é uma enfermidade que ocorre com menos frequência na rotina da clínica de pequenos animais, sendo esse, raro em felinos, porém, é imprescindível seu conhecimento na rotina do médico veterinário, visto que, essa afecção pode ter associação com a FeLV, mesmo que o animal tenha testado negativo para a leucemia felina. Ademais, quando a presença do corno cutâneo gera um desconforto ou até mesmo começa a limitar as atividades do animal, torna-se necessário a remoção do mesmo.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DE ARAÚJO, J. M. et al. Mucocutaneous horn in dog. *Acta Scientiae Veterinariae*, v. 48, 2020.
2. DEL NINNO, G. Un caso di corno cutaneo in un cane trattato con l'utilizzo della crioterapia. *AIVPA journal*, v. 5, n. 4, p. 25-26, 2016.
3. FALK, E. et al. Two cutaneous horns associated with canine papillomavirus type 1 infection in a pit bull dog. *Veterinary Dermatology*, v. 28, n. 4, p. 420-421, 2017.
4. KEITH A. H.; ADAM P. P. **Dermatologia de Pequenos Animais - Atlas Colorido e Guia Terapêutico**. 4. ed. São Paulo: Editora ELSEVIER, p.443, 2018.
5. LARSSON, C. E.; LUCAS, R. **Tratado de medicina externa – dermatologia veterinária**. São Caetano do Sul: Interbook, p.853, 2016.
6. MENDES, A. R. Criocirurgia em cães e gatos—como podemos utilizá-la? Cryosurgery in dogs and cats—how can we use it?. *Revista científica de medicina veterinária*. p. 17, 2015.
7. ORDÓÑEZ, R. et al. Cuerno cutâneo canino presuntamente asociado a papilomavirus: reporte de caso. *Compendio de Ciencias Veterinarias*, v. 9, n. 2, p. 45-48, 2019.
8. REES, C.A.; GOLDSCHMIDT, M.H. Cutaneous horn and squamous cell carcinoma in situ (Bower's disease). *Journal of the American Animal Hospital Association*, v.34, n.6, p.485-486, 1998.
9. SOUZA, L.N. et al. Cutaneous horn occurring on the lip of a child. *International Journal of Paediatric Dentistry*, v.13, n.5, p.365-367, 2003.